tante monitoração os movimentos tanto da oferta dos insumos quanto das tendências da demanda de carne.

Não causa espécie, portanto, que a projeção do plantel de matrizes de corte com meses de final de postura entre janeiro e outubro de 1997 seja 2% inferior ao cálculo feito para os mesmos meses de 1996. Como ainda não se sabe a extensão do plantel cujo início de postura se dará ao longo do próximo ano, o que se pode apontar é a tendência de queda de produção vista por uma das pontas da avaliação estatística.

Pelo lado da avicultura de postura, sabe-se que o alojamento de poedeiras comerciais de setembro de 1994 a maio de 1996 (aves cujo início de produção de ovos se dará ao longo do próximo ano) foi 7% inferior ao número de cabeças alojadas entre setembro de 1993 e maio de 1995 (que começaram a produzir ovos durante 1996). Em outras palavras, há uma tendência a restringir a oferta de ovos no próximo ano.

Este ambiente cauteloso por parte da avicultura brasileira faz imaginar que sua pressão sobre a oferta do milho em 1997 possa vir a ser moderada, a exemplo do ocorrido durante o presente exercício. Parece adequado esperar a repetição, em 1996/97, do avanço de 4% que fora estimado para o consumo total de milho em 1995/96 , passando-se para algo próximo de 39,5 milhões de toneladas.

Neste caso, considerando o estoque de passagem previsto pela Conab em 3,7 milhões de toneladas como reserva para a formação do futuro estoque final, e imaginando-se que a safrinha de 1997 repita os 3,7 milhões recém-obtidos, seria necessária uma produção da ordem de 35,8 milhões de toneladas na primeira safra. Para tanto, se o rendimento físico da cultura voltar ao patamar *normal* de 3t/ha, a área ocupada com o milho teria que chegar a 12 milhões de hectares, o que seria plenamente factível, levando em conta estatísticas passadas, referentes a plantios posteriores a uma comercialização considerada vantajosa pelos agricultores.

Deve-se apenas atentar para o fato de que seria muito mais confortável para o país vir a contar com um estoque final de milho superior àquele apontado, na medida em que ele equivale a pouco mais de um mês de consumo comercial. Além do mais, seria bom que houvesse uma folga para eventuais exportações do grão. Afinal, a previsão do USDA, em meados de agosto último, de que os estoques finais mundiais de milho para a temporada 1996/97 serão praticamente idênticos aos 61,7 milhões de toneladas registrados em 1995/96 leva a crer que os bons preços internacionais do cereal deverão manter-se, pelo menos durante parte do próximo ano.

IRENE RAGUENET TROCCOLI

SOJA

PROGNÓSTICO DE SAFRA

Cotações continuam elevadas

A apertada situação do balanço mundial de oferta e demanda do complexo da soja e o fato de os preços internacionais terem, este ano, superado a média histórica levam a crer que os sojicultores brasileiros adotarão um posicionamento otimista, ampliando a extensão de suas lavouras.

De acordo com a publicação alemã *Oil World*, as 10 principais oleaginosas, em âmbito internacional, tiveram crescimento de 5,2% na produção no primeiro trimestre de 1996, contra 9%, no mesmo período de 1995. O complexo da soja apresentou diferentes comportamentos. No início deste ano, verificou-se arrefecimento da demanda do farelo, o que pode reduzir o esmagamento total, mas a demanda do óleo deve aumentar.

O que teve destaque, porém, foram os preços do grão, que chegaram a US$299,70, entre janeiro e março e, no ano passado, estiveram, na mesma época, em US$242,30. Os do farelo, comparativamente, passaram de US$181/t para US$253/t. Desde dezembro passado, o preço médio do grão, em Chicago, sempre esteve acima de US$7/bushel. Em abril, alcançaram o nível mais alto em sete anos, com US$8/bushel, em resposta ao relatório do USDA, de 29 de março, que diminuiu os estoques de milho e de soja.

O mercado apresenta, há meses, a configuração de *climático*, ou seja, vem sendo afetado pelo comportamento do clima sobre as plantações norte-americanas, que foram cultivadas com atraso. Nos estados de Indiana e Illinois, que têm 30% dos plantios de soja e de milho, plantou-se, até julho, apenas a metade do normal para a época. A colheita começa em setembro, prevendo-se, até o momento, que se terá uma produção de bom tamanho.

No relatório do Departamento de Agricultura, de 12 de agosto, o estoque inicial de soja em grão da safra 1996/97 caiu a 16,86 milhões de toneladas (o de 1995/96 foi de 23,48 milhões). O estoque final ficará em 17,26 milhões de toneladas.

Mundo — calendário de colheita da soja

País/região	Meses de colheita
União Européia (15 países)	Setembro
Europa Oriental	Setembro
ex-URSS	Setembro/outubro
Canadá	Agosto/novembro
EUA	Setembro/novembro
México	Setembro/novembro
Argentina	Março/junho
Brasil	Março/maio
Paraguai	Fevereiro/maio
China	Agosto/novembro
Índia	Outubro/janeiro
Indonésia	Maio/dezembro

Fonte: *Oil World*, 9 ago. 1996.

No que se refere aos derivados, parece estar sendo interrompida a trajetória fortemente altista do comércio global de farelo, que, no entanto, continuará crescendo, com previsão de menor consumo na União Européia, China, Japão e Formosa, em razão dos preços mais altos praticados em 1996. Na ex-URSS, porém, pode aumentar, com o emprego de maior produção local. Nos EUA, tende a crescer, devido à maior produção de carne de aves (mas a de suínos decrescerá). A China tende a usar menos farelo de algodão como fertilizante, tendendo a empregá-lo no arraçoamento, que vem sendo ampliado. Quanto ao óleo de soja, faltam dados sobre os estoques chineses, mas o consumo global deverá superar a produção. A China está aumentando sua produção de carne suína, o que aumentará a produção de banha, diminuindo a necessidade de importação de óleo. Os estoques finais mundiais darão para 31 dias, 22% abaixo da média histórica. (O óleo de soja terá estoque inicial de 2,25 milhões de toneladas e final de 2,13 milhões.) Para o farelo, o estoque inicial mundial caiu de 4,34 milhões de toneladas para 4,26 milhões, e a safra 1996/97 deixará um estoque final de 3,97 milhões de toneladas.

A safra mundial de soja de 1996/97 apresentou crescimento, das 123,62 milhões de toneladas de 1995/96, para 131,67 milhões de toneladas. Em 1º de julho de 1996, chegou a ser estimada em 132,08 milhões de toneladas, 7% acima da anterior. Os EUA respondem por metade da produção, o Brasil por 19%, a China por 12% e a Argentina por 9%. Os EUA calculam sua nova safra em 63 milhões de toneladas. A Índia melhora sua posição, produzindo 4,4 milhões de toneladas, e a Bolívia começa a se destacar, com 1 milhão de toneladas, devido à presença de brasileiros, em processo semelhante ao já ocorrido no Paraguai.

Soja em grão — situação do mercado mundial — 1995/96 e 1996/97
(em mil t)

Discriminação	1995/96	1996/97
Estoque inicial	23,48	16,86
Produção	123,62	131,67
Importação	31,96	31,94
Esmagamento	110,73	111,39
Uso doméstico	130,32	131,04
Exportações	31,88	32,16
Estoque final	16,86	17,26

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA, 1º ago. 1996.

Farelo e torta de soja — oferta e demanda mundiais — 1995/96 e 1996/97
(em mil t)

Discriminação	1995/96	1996/97
Estoque inicial	4,34	4,26
Produção	88,04	88,38
Importação	31,46	32,13
Uso doméstico	87,79	88,78
Exportação	31,80	32,03
Estoque final	4,26	3,97

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA, 1º ago. 1996.

Óleo de soja — balanço de oferta e demanda mundiais — 1995/96 e 1996/97
(em mil t)

Discriminação	1995/96	1996/97
Estoque inicial	2,06	2,25
Produção	19,96	20,14
Importação	5,41	5,66
Uso doméstico	19,90	20,34
Exportação	5,27	5,57
Estoque final	2,25	2,13

Fonte: Departamento de Agricultura dos EUA, 1º ago. 1996.

A soja no mercado interno

O óleo de soja soma 98% da quantidade de óleo comestível consumida no país, tendo feito, devido à tradicionalmente baixa renda do consumidor local, com que o óleo de amendoim desaparecesse e os outros encolhessem sobremaneira. O farelo tem seu consumo calculado em 4,5 milhões de toneladas no país. Não se pode, a partir destes dados, continuar considerando a soja meramente uma lavoura de exportação, e a participação da sojicultura na renda bruta das lavouras (ver *Agroanalysis*, *16*(8), ago. 1996) foi a maior de todas, com 11% do total.

Soja — produção brasileira — 1975/76 a 1995/96

Ano-safra	Área (mil ha)	Produção (mil t)	Rendimento (kg/ha)
1975/76	6.417	11.228	1.750
1976/77	7.070	12.513	1.770
1977/78	7.784	9.496	1.220
1978/79	8.256	10.241	1.240
1979/80	8.774	15.156	1.727
1980/81	8.500	15.007	1.766
1981/82	8.203	12.837	1.565
1982/83	8.137	14.581	1.792
1983/84	9.420	15.550	1.651
1984/85	10.152	18.278	1.800
1985/86	9.185	13.335	1.452
1986/87	9.131	16.978	1.859
1987/88	10.516	18.060	1.717
1988/89	12.176	23.579	1.937
1989/90	11.552	20.444	1.770
1990/91	9.742	15.395	1.580
1991/92	9.582	19.419	2.027
1992/93	10.717	23.042	2.150
1993/94	11.481	25.059	2.183
1994/95	11.679	25.934	2.221
1995/96	10.750	22.800	2.121

Fontes: IBGE, Conab, Abiove.

O desempenho da indústria esmagadora montada no país obriga a que se reconsidere tal denominação. O Brasil pode esmagar 116.280t/dia, de acordo com dados da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove). O Paraná tem 30,4% da capacidade de esmagamento, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 24,9%. Os estados centrais também são bem-posicionados nesta área, mas historicamente vêem-se prejudicados pela distância dos portos. Com efeito, o custo do frete é um sério problema para exportadores e industriais. Pode chegar a US$50/t, e o escoamento da safra não é feito de maneira eficiente. Embarque e desembarque custam de US$10 a US$12/t, e os impostos, como o ICMS, mais Funrural e Finsocial (Cofins) dão mais 20% do valor do produto. O custo Brasil aparece, também, na redução dos ganhos dos produtores. O sojicultor brasileiro é o que menos recebe do preço alcançado por seu produto no mercado externo.

Perspectivas dos mercados brasileiro e mundial

Pouco se pode antecipar quanto à futura safra brasileira, embora haja indícios de que a área de cultivo aumentará. A questão do atraso no plantio do trigo deverá beneficiar a soja em muitas regiões e o mercado mundial, apesar de vir a recuar dos níveis atuais, deverá continuar com preços atraentes. Os agricultores têm transmitido a impressão de que plantarão maior área de soja, a partir dos melhores preços que conseguiram este ano, aparentemente sem se intimidar com o fato de que, caso a safra norte-americana alcance o esperado e a Argentina colha bem, em 1997, as cotações de Chicago refluirão. Evidentemente, o refluxo não só não conduzirá a patamares muito baixos, como a apertada situação dos estoques manterá a ansiedade no mercado, levando a altas eventuais. Segundo informações da Federação da Agricultura do Estado do Paraná, no início do mês de agosto, a cotação do grão no estado era de R$13,30/60kg, mas após a divulgação do relatório do USDA, de 12 de agosto, os preços saltaram para R$13,70/60kg, expressando vivamente a preocupação que se tem com a relação estoques/consumo. No final do mês, restando comercializar apenas 15% da safra de 1995/96 (ano comercial internacional 1996/97), já se alcançavam preços ao redor dos R$16,00/60 kg, no oeste paranaense.

Soja — comparativo de receita e despesa na exportação — Brasil, EUA e Argentina
(em US$/t)

Discriminação	Brasil	EUA	Argentina
Cotação Roterdã (custo e frete), em março de 1996	300	300	300
Frete marítimo	-23	-18	-26
Cotação FOB	277	282	274
Frete ao porto	32	15	17
Despesa portuária	9	3	3
Imposto na exportação	36	0	10
Receita líquida	200	264	244
Receita/preço FOB	72%	94%	89%

Fonte: Abiove.
Obs.: O frete interno foi calculado com base na distância média até o porto de embarque.

Soja — meios de transporte no Brasil e nos EUA
(em %)

País	Hidrovia	Ferrovia	Rodovia
Brasil	5	28	67
EUA	61	23	16

Fonte: Abiove.

Nos dois principais estados produtores, a expectativa é de que haja maior plantio, e supõe-se que os estados centrais farão o mesmo. Até fins de agosto, diversas entidades, como a Abiove, vinham considerando possível, a título precário, que o cultivo de 1996/97 venha a atingir uma área cerca de 10% maior do que a de 1995/96. Para o Centro-Oeste, porém, observou-se que

Soja — rendimento físico médio nos principais estados produtores — 1990/91 e 1995/96
(em kg/ha)

Ano	RS	PR	SC	SP	MS	MT	GO	MG	BA
1990/91	720	1.840	833	1.936	2.270	2.370	2.100	2.040	2.000
1991/92	1.950	1.900	1.799	1.959	1.989	2.400	2.200	2.200	1.500
1992/93	2.030	2.360	1.822	2.171	2.091	2.451	2.000	2.098	1.555
1993/94	1.800	2.525	2.000	2.200	2.200	2.490	2.190	2.057	2.000
1994/95	2.040	2.610	2.180	2.089	2.209	2.370	1.899	1.980	2.278
1995/96	1.570	2.599	1.996	2.168	2.212	2.450	2.177	2.254	2.099

Fontes: IBGE, Conab.

há escassez de sementes resistentes ao cancro da haste, que é um problema sério na região. Há informações de que a disponibilidade dessas variedades já acabou. Uma ampliação deste porte, contudo, apenas mantém a soja dentro de seu padrão dos últimos 10 anos.

O custo total da soja, no Paraná, foi estimado pelo Deral em R$540/ha, acima dos 2.400kg/ha, com custo variável de R$320/ha, mas o departamento os está refazendo para a safra que vem. Para a Ocepar, o custo total é de R$508/ha, sem remunerar a terra.

No que tange às exportações deste ano, o país vai vender ao exterior menor quantidade, mas auferir mais divisas com a soja (+4,7%), embarcando 14,35 milhões de toneladas e ganhando US$3,98 bilhões. No ano passado, exportou 16,79 milhões de toneladas e amealhou US$3,8 bilhões. A movimentação feita com a safra 1995/96 levou a que as indústrias começassem a se preocupar com a falta do produto no mercado interno, o que poderá levá-las a parar de operar antecipadamente. Assim, os preços do farelo subiram acentuadamente, em São Paulo, denotando a recomposição e o alongamento da cobertura dos estoques do produto.

As cotações internacionais historicamente oscilam entre US$220 e US$250. Uma boa safra dos EUA e plantio maior no Brasil e na Argentina, no final do ano, devem fazê-las voltar a algo próximo daquele intervalo, mas a escassez de estoques no exterior tende a influenciar positivamente os preços. É claro que o acompanhamento minucioso do comportamento da safra norte-americana é essencial, devendo o produtor sempre pensar no escalonamento de suas vendas.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

TRIGO

PROGNÓSTICO DE SAFRA

Influência do clima aqui e lá fora

As cotações internacionais cederam, em função de relatórios favoráveis sobre o clima nos EUA e da menor movimentação das exportações norte-americanas; entretanto, como a relação mundial estoques/consumo permanece apertada, os preços sobem periodicamente, em resposta a qualquer pressão da demanda.

A estimativa da Conab de que a safra de inverno deste ano, que engloba trigo, aveia, cevada, centeio, triticale e feijão irrigado, totalizaria 3,3 milhões de toneladas, dos quais 2,6 milhões de trigo, começa a ficar prejudicada. Pelo menos no que diz respeito justamente à principal lavoura da época. A situação do plantio gaúcho, por exemplo, até meados de junho, continuava muito incerta. A seca que assola amplas regiões do estado há semanas permanecia, caracterizando um período de outono/inverno atípico, quente e sem chuvas.

A Fecotrigo acredita que, dos 3 milhões de hectares que os agricultores gaúchos poderiam dedicar às safras de inverno, aproximadamente 2 milhões ficarão ocupados com pastagens. Fora o trigo, que tem sua área estimada pela entidade em cerca de 600 mil hectares, sobrarão 400 mil hectares a cobrir, principalmente com centeio, triticale e canola (colza). A Emater-RS estima a área da triticultura entre 550 mil e 600 mil hectares e o IBGE estima em 499 mil hectares.

Além do atraso, iniciaram-se ataques de pulgões contra as primeiras plantações e, segundo o CNPTrigo, da Embrapa de Passo Fundo, apenas no início de julho seria possível ter melhor definição quanto à safra. Um outro problema a ser considerado é a grande quantidade de sementes vendida para o Paraná, desfalcando a oferta interna gaúcha.

No Paraná, a situação é bem diferente, pois o cultivo realmente está aumentando. Faltam sementes, apesar de ter havido a importação do Rio Grande do Sul. De acordo com o Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura, caso houvesse maior disponibilidade de sementes, o estado, poderia estar plantando algo em torno de 1,3 milhão de hectares. No entanto, com esse fa-